

A Inserção da família na recuperação do usuário de álcool

Family insertion in an alcoholic's recovery

José Elias dos Santos[†], Mariane Silva Muniz[‡], Raísa Rodrigues Alves[†], Adriana Vasconcelos Bernardino[‡]

Resumo

O objetivo do presente trabalho foi ressaltar a importância da inserção da família no tratamento do alcoolista, pois a dependência do álcool representa um impacto profundo não só na vida do indivíduo que o consome como na sua relação com aqueles que estão à sua volta. O uso do álcool causa transtornos que podem mudar o comportamento de uma pessoa e a sua maneira de se relacionar com o mundo. A relação com a família, nesse contexto, pode ser tanto a causa, como o sintoma. E, por esta razão, quanto mais a família estiver envolvida no processo, maiores são as chances de adesão ao tratamento e de recuperação do paciente. O alcoolista experimenta, com frequência, situações que comprometem sua autoestima e autoconfiança. Da mesma forma em que a família também vê comprometida a sua confiança nesse indivíduo, convivendo com medos, inseguranças e ameaças de recaídas. O tratamento prevê o cuidado tanto com o usuário como com a sua família, cuja finalidade é a reinserção no grupo familiar e o estabelecimento de novas maneiras de se relacionarem, tornando-as funcional e equilibrada. Sem o apoio da família, as chances de recuperação diminuem e a adesão ao tratamento, bem como os seus resultados, ficam comprometidos.

Palavras-chave: Alcool; Família; Recuperação.

Abstract

The objective of this study is to highlight the importance of family involvement in the Treatment of an alcoholic, because alcohol dependence represents a profound impact not only on the life of the individual who consumes it but also in its relationship with those around them. Alcohol use causes disorders that can change someone's behavior and his way of relating to the world. The relationship with the family in this context can be both the cause and the symptom. And for this reason, the more the family is involved in the process, the greater the chances of adherence to treatment and patient recovery. The alcoholic often experiences situations that compromise their self-esteem and self-confidence similarly, the family also sees that the trust in this individual is compromised, living with fears, insecurities and threats of relapses. The treatment provides care for the user and for his family, whose aim is reintegration into the family group and establishments of new ways of relating, making them functional and balanced. Without the support of family, the chances of recovery decrease and adherence to treatment as well as their results are compromised.

Keywords: Alcohol; Family; Recovery.

Introdução

A família é uma instituição, que pode estar associada à tradição (conservadorismo); pode estar relacionada ao meio pelo qual o indivíduo entra na sociedade, por inseri-lo em processos fundamentais da constituição da identidade. Desempenha um papel importantíssimo na formação de vínculos fraternais e afetivos. No entanto, os impactos que a contemporaneidade tem representado para as famílias, a fluidez nas relações familiares, amorosas e sociais, o individualismo e o imediatismo tornam esses laços vulneráveis fazendo emergir uma baixa tolerância à frustração e essa realidade tem produzido indivíduos intolerantes, impacientes, egocêntricos e desestruturados.⁴

Diante dessa nova realidade, um contexto

disfuncional é provocado na família, podendo levá-la ao adoecimento. Nesse momento é que o indivíduo pode se tornar vulnerável às drogas, pois busca nessa relação dar conta de todas as frustrações vivenciadas no contexto familiar, acreditando que assim, consiga os prazeres imediatos, a neutralidade de suas frustrações e uma satisfação e “felicidade” já não vivenciadas no cerne de sua família.

O uso abusivo de substâncias lícitas e ilícitas, em especial o álcool, tornou-se um grande “problema” social causando graves distúrbios físicos e prejuízos sociais, dentre eles os prejuízos causados no convívio familiar. A família em que o dependente químico está inserido precisa de orientação e de acompanhamento psicológico para saber como lidar com seus medos, inseguranças e fragilidades. Reconhecer a realidade do alcoolista e o seu adoecimento, buscando as causas

Afiliação dos autores: [†] Discente do Curso de Psicologia. Pró-Reitoria de Ciências da Saúde e Humanas. Universidade Severino Sombra; Vassouras - RJ

[‡] Docente Do Curso de Psicologia da Universidade Severino Sombra; Vassouras – RJ, Brasil

* Endereço para correspondência: Universidade Severino Sombra, Av. Exped. Oswaldo de Almeida Ramos, 280 - Centro - Vassouras, RJ - CEP 27700-000
E-mail: adriana.uss@gmail.com

que o levaram a fazer uso do álcool é uma maneira de cada membro da família colaborar para que a recuperação aconteça. Neste aspecto, a influência da família no processo de recuperação pode acontecer de forma positiva através do apoio, do afeto para com o indivíduo adoecido, sem julgamentos de valores, sem discriminá-lo, incentivando-o a vencer esta dificuldade que tantos danos causam na vida não só deste sujeito, como também em todos ao seu redor.⁵

A participação dos familiares no tratamento do alcoolista pode ser um importante incentivo para que o mesmo se mantenha abstinente, em tratamento, buscando novos recursos para a sua recuperação. Da mesma forma em que o contrário, a não participação da família em seu tratamento, pode reforçar o crescimento da dependência tornando o quadro ainda mais crítico, com prognósticos desfavoráveis.¹

O objetivo do presente trabalho foi ressaltar a importância da inserção da família no tratamento do alcoolista, pois a dependência do álcool representa um impacto profundo não só na vida do indivíduo que o consome como na sua relação com aqueles que estão à sua volta.

Materiais e métodos

A composição do presente artigo resultou de pesquisas nas bases de dados do *Scielo* e em livros e outros artigos científicos relacionados ao assunto.

Resultados e discussão

Diversão, status, amigos, popularidade, moda, além dos conflitos familiares, são alguns dos possíveis motivos que fazem com que o número de pessoas alcoolistas cresça no Brasil, aumentando, paulatinamente, a venda desregrada de bebida alcoólica. Ao se depararem com problemas de ordem social, emocional ou afetivo, as pessoas buscam o refúgio e dessa maneira muitos acabam por estabelecer relações de compulsão e dependência do álcool. Esta relação não é uma novidade, a utilização recreativa desse tipo de substância psicoativa é muito antiga na humanidade. O álcool sempre esteve presente nas principais comemorações, rituais e cerimônias, desde a antiguidade e mesmo sendo uma problemática antiga se constitui até hoje em um grave problema social, sendo, atualmente, a sua maior utilização voltada para a obtenção de um prazer que, por diversas vezes, viola direitos e deveres, podendo acarretar mortes.

De acordo com o CISA (Centro de Informação de Saúde e Álcool), nas primeiras doses o álcool atua como estimulante e pode, temporariamente, gerar a sensação de excitação. No entanto, como é um depressor do Sistema Nervoso Central, as inibições e

a capacidade de julgamento são rapidamente afetadas, prejudicando o processo de tomada de decisões. Com o aumento do consumo, as habilidades motoras e o tempo de reação também sofrem consequências e o comportamento torna-se descontrolado, com tendência para maior impulsividade e agressividade. Segundo o Relatório Global sobre Álcool e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), 15% das mortes decorrentes de acidentes de trânsito no mundo foram atribuídas ao álcool em 2012. Ainda, conforme destacado na tabela 1, estima-se que 18% e 5,2% dos acidentes de trânsito entre homens e mulheres, respectivamente, no Brasil foram causados pelo uso de bebidas alcoólicas.⁸

Tabela 1 Estimativas de mortes relacionadas a acidentes de trânsito e porcentagem das frações atribuídas ao álcool em acidentes de trânsito (2012).

Segundo dados da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas (ABEAD), no Brasil existem cerca de 19 milhões de alcoólatras. Acontecem, por ano, 32 mil mortes em decorrência do uso da bebida, 11 mil delas por cirrose. O álcool é o grande responsável por 60% das mortes no trânsito e 72% dos homicídios e também de um número elevado de casos de suicídios e violência doméstica.²

O Papel da família e o alcoolista

A família é a primeira referência de uma pessoa, é como uma sociedade em miniatura. É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. Ela é a principal responsável por nossa formação pessoal e, em se tratando do alcoolismo, pode ser considerada como um fator de risco ou de proteção.⁹

Segundo Drummond & Drummond Filho (1998 citado por⁸ p. 247-256) “O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade”. É nesse grupo que nascemos, crescemos, e vivenciamos nossas mais profundas emoções. A partir de um raciocínio sistêmico, tudo o que identificamos em uma pessoa está ligado às suas gêneses e relações familiares. Envolvemo-nos e somos envolvidos, recebemos e também doamos, enfim, compartilhamos – em todos os sentidos – das nossas relações familiares. O mais provável é que indivíduo, família e sociedade se influenciem mutuamente, uma vez que a vida acontece ao mesmo tempo para a pessoa, para a família e para a sociedade.

A família é um sistema paradigmático que nos transforma e por nós é transformada. Somos constituídos por nossas relações, mas também a elas constituímos. É nessa relação de troca, nesse trânsito dialético, que vamos vivendo e nos desenvolvendo. De acordo com Meira & Centa (2003, p. 215):⁷

Tabela 1. Estimativas de mortes relacionadas a acidentes de trânsito e porcentagem das frações atribuídas ao álcool em acidentes de trânsito (2012).

Países	Total de mortes resultantes de acidentes de trânsito**		Frações atribuídas ao álcool em acidentes de trânsito (%)	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Brasil	52,5	11,3	18	5,2
Argentina	26,4	7,6	12,5	4,3
Canadá	11	4	13,8	4,8
Estados Unidos	18,8	7	12,1	4,2
China	30,5	15,6	22,2	4,4
Portugal	17,2	4,8	19,9	7,3
Itália	13	2,8	3,9	1,5
Espanha	7,6	1,8	17	6,7
Alemanha	7,8	2,3	12,4	4,9

A família é um sistema complexo inserido em um contexto social e histórico. Suas estruturas sofrem influências de fatores como a economia, progresso tecnológico, globalização, entre outros, provocando mudanças de valores e comportamento nos mais diversos aspectos.

A comunicação com os familiares traz frequentemente, novos dados que podem ter fundamental importância no esclarecimento diagnóstico e na proposta de tratamento do alcoolista. Quando se percebe que o conflito familiar interfere diretamente no tratamento, costuma-se indicar a terapia de família. Esse tipo de proposta tem por objetivo aprimorar a comunicação entre cada um de seus componentes e abordar a ambivalência de sentimentos. Sua pretensão é reforçar positivamente o papel do alcoolista na família, levando a uma melhor adaptação no seu funcionamento social.

Sem orientação, a família pode acabar por interferir de forma negativa na recuperação do dependente, pois é comum que experimentem sentimentos como raiva, frustração, desconfiança e, diante disso, desacreditem da recuperação, gerando desmotivação e conseqüente abandono do tratamento pelo alcoolista. Sabemos que a família sofre com um sentimento de incapacidade por não conseguir achar uma solução, mesmo usando toda a sua dedicação e amor. E, diante desse cenário de caos familiar, pode surgir outra questão que envolve o alcoolista e sua família, definida pelo termo Co-dependência. Trata-se de um termo utilizado pelo Ministério da Saúde para classificar a angústia e sofrimento emocional vivido por todos aqueles que possuem uma ligação de extrema

importância com a pessoa que é dependente.

O Co-dependente, por muitas vezes, coloca as necessidades do outro como prioridades, esquecendo até mesmo das suas. Segundo BEATTIE (2003), existem importantes características a serem observadas para que seja diagnosticado e tratado também o quadro de Co-dependência na família de um alcoolista: ³

- Considerar-se e sentir-se responsável por outras pessoas – pelos sentimentos, pensamentos, ações, escolhas, desejos, necessidades, bem-estar, falta de bem-estar e até pelo destino dessas pessoas;
- Sentir ansiedade, pena e culpa quando a outra pessoa tem um problema;
- Sentir-se compelido – quase forçado – a ajudar aquela pessoa a resolver o problema, seja dando conselhos que não foram pedidos, oferecendo uma série de sugestões ou equilibrando emoções;
- Ter raiva quando sua ajuda não é eficiente;
- Comprometer-se demais;
- Culpar outras pessoas pela situação em que ele mesmo está;
- Dizer que outras pessoas fazem com que se sinta da maneira que se sente;
- Achar que a outra pessoa o está levando à loucura;
- Sentir raiva, sentir-se vítima, achar que está sendo usado e que não sente sendo apreciado;
- Achar que não é bom o bastante;
- Contentar-se apenas em ser necessário a outros;

O Co-dependente também precisa de tratamento, de um olhar diferenciado voltado para ele, para que o mesmo comece a perceber que não é o motivador da dependência do outro e que também está doente. Nesse contexto o alcoolismo é entendido como o sintoma de um conjunto de comportamentos desajustados que refletem problemas do sistema familiar como um todo. Faz-se necessário que os profissionais trabalhem tanto com o alcoolista, quanto com a sua família, entendendo-os nos seus diferentes contextos e relações, sendo necessário buscar abordagens que produzam melhores resultados nas diferentes demandas apresentadas por estas famílias.³

Considerações finais

O presente trabalho teve como finalidade enfatizar que o uso do álcool é considerado um grave e complexo problema de saúde pública e de múltiplas causas. Neste cenário, a família deve ocupar um lugar privilegiado nos espaços de estudos e discussões uma vez que se compreenda o quanto ela está implicada no desenvolvimento saudável, ou não, de seus membros, passando a ter um papel fundamental no tratamento e recuperação dos usuários de álcool, exercendo ainda o papel de motivadores ou desmotivadores no tratamento.

Entende-se que a problemática familiar em todas as suas dimensões e particularidades constitui-se em uma tarefa complexa, que ainda demanda muitos aprofundamentos. E que os serviços ofertados pelas redes de apoio às famílias ainda são insuficientes, fragmentados e não oferecem atendimento eficiente para as diversas necessidades destas.

Neste sentido, o presente artigo pretende destacar a necessária ênfase em novas propostas de políticas públicas para que possam trabalhar com as famílias e dar suporte aos usuários, não só apoiando-os no tratamento, mas também compreendendo que as recaídas muitas vezes fazem parte do percurso de recuperação, preparando todos os envolvidos para lidarem com elas, se assim necessário for.

Referências bibliográficas

1. Alcântara, G.S.; Gomes, J.S. O papel da família no processo de ressocialização de pessoas acometidas por transtornos psíquicos. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade Vasco da Gama. Salvador. 2011.
2. Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas (ABEAD), Porto Alegre- RS, 2016. Disponível em <http://abead.com.br/default.aspx>, acessado em 08 de julho de 2016.
3. Beattie, M. Co-Dependência Nunca Mais. Editora Record, 2003.
4. Carvalho, M.C.B. (Org.) A família contemporânea em debate. 3. Ed. São Paulo: EDUC: Cortez, 2000.
5. Cintra, A.M. de O. Organização de serviços em Dependência Química. São João Del Rei, MG: UFSJ, NEAD, 2010.

6. CISA - Centro de Informações sobre Saúde e Álcool. São Paulo 2016. Disponível em: <http://www.cisa.org.br/> acessado em 08 de julho de 2016.

7. Meira, M.C.R.; Centa, M.L. A evolução da família e suas implicações na educação dos filhos. Revista Fam. Saúde Desenv., Curitiba, set/dez 2003:v.5, n.3, p.215-222.

8. Pratta, E. M. M.; Santos, M.A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Psicologia em estudo, Maringá, maio/ago. 2007:v.12, n 2, p. 247-256.

9. Zemel, M.L.S. O papel da família no tratamento da dependência. Revista do Imesc, São Paulo, out. 2001:n3, p.43-63.